

O HOMEM E O TEMPO

Roman Ingarden

Vivemos todos no tempo e sabemos disso. Existem, porém, dois modos fundamentalmente diferentes de vivenciar o tempo e de apreender a nós mesmos dentro dele. Segundo um deles, parece que o que existe "de verdade" somos *nós mesmos*, e que, conseqüentemente, o tempo não passa de algo decorrente desse fato, algo de ordem somente fenomenal. Segundo o outro modo, pelo contrário, o tempo e as transformações que nele ocorrem, constituem a única realidade, enquanto nós mesmos ficamos como que aniquilados dentro dessas transformações. No melhor dos casos, mantemo-nos no ser como um puro fenômeno, como, de certo modo, um fantasma criado pelas transformações que ocorrem no presente.

A extrema oposição dessas vivências e o mesmo direito à veracidade que as duas, aparentemente, se outorgam, têm como efeito que as duas formam a base irreduzível, ainda que, às vezes, não consciente, de atitudes metafísicas diametralmente opostas. Assim, p.ex., logo nos primórdios da filosofia européia surge, de um lado, a idéia de Heráclito, e do outro, a metafísica dos eleatas. Um reflexo dessa oposição na filosofia moderna aparece na disputa entre o realismo e o idealismo transcendental. Análises históricas mais aprofundadas demonstrariam também qual é o papel dessas duas diferentes vivências do tempo dentro das várias teorias sobre o tempo que surgiram no decurso da história da filosofia européia. Mas a diferença entre os dois modos de vivenciar o tempo repercute talvez de maneira mais sensível na questão da essência de nosso ser e na apreensão do homem como tal, tornando a essência do ser humano um assunto central dentro da filosofia. Estudemos mais a fundo essa questão.

No constante curso e na permanente renovação do tempo continuo me sentindo sempre o mesmo homem e vivo na íntima convicção de que também, no futuro, *continuarei o mesmo*. A identidade de "mim mesmo" significa aqui duas coisas distintas: 1) que, ao longo de toda minha vida, sou *um só* indivíduo; 2) que, ao longo dessa mesma vida, permaneço o mesmo homem determinado qualitativamente de modo imutável em sua natureza. Essas duas questões estão indissolivelmente ligadas entre si. No ente que sou, distinguem-se na experiência direta: a) vivências conscientes variáveis e sempre novas; b) estados e processos psíquicos variáveis como, também, atributos psíquicos⁽¹⁾ e físicos; c) uma certa qualificação constante que me determina em minha identidade como homem e que é inteiramente única e específica em seu gênero. É essa qualificação que chamo de minha natureza e, no caso de outras pessoas, de natureza, p.ex., de Adam Mickiewicz ou de um Fulano de Tal. Apesar de todas as mudanças, de sempre novas experiências, estados e processos, essa minha "natureza" parece imutável ao longo de toda minha vida e é graças a ela que continuo me sentindo sempre eu mesmo. Em outras palavras, o fato de eu me sentir sempre o mesmo não significa nada mais do que eu me sentir como pessoa constituída por essa natureza específica. Se essa natureza sofresse uma transformação — p.ex., em casos de desintegração da consciência — eu cessaria de me sentir eu mesmo, o mesmo que me sentia ontem. Nem poderia sequer me reconhecer tal como era ontem, nem me identificar com essa pessoa. Sentir-me-ia eu mesmo conforme com meu atual "agora", e me consideraria, tal como era ontem como *um outro*, que nunca poderia ter sido "eu mesmo".

Nessa sensação de ser o mesmo ao longo de toda minha vida não me sinto incomodado de modo algum nem pela sucessão de transformações, até mesmo as mais profundas e complexas, dentro de minha estrutura psíquica e dentro de meu corpo, nem pela consciência de que tais transformações tenham de fato ocorrido. Às vezes, porém, quando as transformações conscientizadas são deveras importantes e principalmente quando ocorreram num passado longínquo, pode acontecer que me sinta estranho a mim mesmo, que cesse de me solidarizar comigo mesmo, que me oponha a mim mesmo e me julgue com severidade; mais ainda, é possível que eu deixe de me entender tal como era no passado. Mas todos esses fenômenos não afetam em nada minha, mais ou menos acentuada, sensação de ser eu mesmo, de ser o mesmo que antes.

Em segundo lugar, eu, como ser humano, com todos meus estados e características fundamentais e constantes, como também aquelas suscetíveis de transformações, continuo sendo e me sinto um ser real, mais ainda — real em maior grau que minhas próprias vivências. De acordo com essa sensação, sou então eu que sou um ser durável, ao passo que minhas vivências não passam de exteriorizações passageiras, de manifestações de mim mesmo. Sou eu mesmo que constituo a fonte e a base irreduzível de vivências que, por outro lado, estão como que enraizadas em mim, decorrentes de mim; em outras palavras, trata-se de "minhas" vivências. A sucessão e o conteúdo delas não deixam, sem dúvida, de ter influência sobre mim como ser humano. E trata-se aqui de algo real. Mas se tomo consciência de mim mesmo com tal ou de algo "dentro de mim", e assim ajo sobre mim mesmo e me construo desse ou de outro modo, isso acontece não porque teriam ocorrido certos processos vivenciais, mas porque eu, como ser humano, ajo de maneira real. Com certeza, o fato de que me ocorrem certas vivências não deixa de ter uma influência real sobre mim e sobre o curso posterior de minha vida. É também graças a isso que minhas vivências, ainda que decorrentes em relação a mim, se apresentam para mim como algo real. No entanto, minha atuação se realiza não no vivenciar em si, mas pelo fato de que são as minhas forças que atacam uma certa realidade dada. Algo semelhante acontece também quando, através de minhas vivências ou acontecimentos, alcanço um certo saber sobre os outros seres humanos, sobre os outros objetos. Quando me deixo influenciar por tudo isso ou convivo com isso e, nessa convivência acabo me transformando, esse fato acontece de novo não porque — ou, pelo menos, não antes de tudo porque — tenham ocorrido em mim certas vivências, mas porque é nessas vivências que se descarregaram certas forças reais. Minhas vivências conscientes formam apenas o modo de *minha vida*, um modo, aliás, que não inclui tudo que se passa dentro de mim e na minha vida. Eu, como ser humano, pareço também, nesse sentido, independente de minhas vivências conscientes e posso *existir* como tal até mesmo sem elas. Depois da perda da consciência ou depois de um sono sem sonhos, acordo não somente como o mesmo homem que era *antes* de dormir, mas também como alguém que não deixou de existir *durante* o sono ou durante a perda de consciência. Em resumo, como ser humano, sou, em relação a minhas vivências, *transcendente*⁽²⁾. E é precisamente tudo que em relação a elas é transcendente que constitui meu ser real, meu "verdadeiro" ser.

Há uma estrita relação entre essa questão e um certo modo especial de vivenciar o tempo. A saber: sentindo-me sempre o mesmo homem,

sinto-me ao mesmo tempo, no mais profundo de meu ser, como *independente* do tempo, não me sinto ameaçado por seu curso; é como se não "tomasse ciência" do tempo e da contínua transitoriedade de toda realidade. Não levo "em conta" o tempo, não me preocupo com ele. Todo o *saber* abstrato sobre a contínua transitoriedade dos acontecimentos, no mundo que me cerca a dentro de mim mesmo, não consegue mudar em nada a sensação de que o tempo para mim não tem nenhuma importância. Pois, nessa atitude, parece que a transitoriedade não decorre da essência do tempo ou da essência do ser, mas somente da natureza do *transcurso em si* (do *dever em si*). Eu, porém, que não sou esse transcurso, mas algo *existente*, *permaneço* no tempo. E ainda que o tempo, só por seu próprio curso, elimine da realidade tudo que é o próprio transcurso em si, a *mim* mesmo nada pode fazer: como se escorresse sobre mim, deixando-me intacto⁽³⁾.

E não somente eu permaneço o mesmo no tempo, como me parece. Em relação aos outros, tenho também a impressão de que *permanecem sempre eles mesmos e os mesmos*, apesar de eu não deixar escapar de modo algum o que se passa com eles e perceber que mudam nesse ou em outro sentido. E com os objetos acontece a mesma coisa: as mesmas casas, ruas, cidades, ontem e hoje, os mesmos "velhos" móveis, que me cercam desde sempre, desde os tempos da infância, conhecidos por mim em seu silêncio e sua passividade. Convivo com eles da mesma maneira que convivo com meus velhos amigos, cujo envelhecimento passa desapercibido por mim durante longo tempo, quando os vejo todos os dias. Apesar de todos os acontecimentos, acidentes e mudanças que testemunho, o mundo me parece sempre o mesmo e permanece o mesmo como eu também permaneço o mesmo nesse mundo, como se todas as transformações "escorressem" apenas sobre mim, como se o tempo não existisse, como se fosse apenas um fantasma, apenas um "fenômeno".

É assim que me parece. E diria mais: é assim que me percebo a mim mesmo, é assim que percebo meu ambiente no tempo.

Conforme a sensação primeira, nesse tipo de vivência, o tempo não é para mim algo separado que exista apenas em si. No melhor dos casos, o tempo é um certo fenômeno decorrente, pois o que existe é algo diferente — um certo ser real — e, também, porque esse algo tem, de modo especial, certas características, é que o tempo aparece para mim, ou melhor, o curso do tempo aparece para mim como tal. Mas simultaneamente, ele mesmo é "neutro", qualitativamente indeterminado e, no entanto, sempre o mesmo. Como uma coisa chega a se conciliar com a outra não me preo-

cupa em minha primeira atitude diante da vida; parece-me natural que assim seja.

De tal vivência do tempo decorre também uma determinada atitude, vivida por mim, em relação ao tempo. Sinto-me, de certo modo, senhor dele, capaz de superá-lo. Sobretudo, porque o que é passado e que, porém, de fato ocorreu, não me parece inteiramente morto, não está para mim completamente aniquilado. Tem-se também a impressão de que se trata apenas de algo ausente que se afasta cada vez mais longe de mim. Posso, no entanto, evocar esse algo de novo para mim e reavivá-lo até um certo ponto. Quando, para dizer assim, olho todo este quadro "à distância", esse algo para "mim" significa precisamente: para mim tal como me sinto no presente atualmente vivido por mim. Mas, enquanto eu permanecer sob o efeito da vivência do tempo discutida aqui e não sair de sua corrente (exatamente como acontece, quando tento "refletir" sobre ele "à distância"⁽⁴⁾), enquanto, falando e pensando em mim, sentindo-me eu mesmo, não apreender meu "eu" em relação e dependência do tempo que passa, enquanto tiver a impressão de permanecer sempre o mesmo no curso do tempo, o tempo não existirá para mim, como se não tivesse nenhum efeito sobre mim. Assim, esse "eu", para quem evoco os fatos passados e vivenciados por mim, permanece num sentir direto não só o mesmo (de modo geral, a não ser que tenha acontecido alguma catástrofe que me tenha mudado ao ponto de me tornar irreconhecível), mas também, em sua natureza, o mesmo que esse "eu" que era, outrora, testemunha dos fatos lembrados.

Além disso, é óbvio que vivo sob o peso do passado e permaneço ligado a ele em maior ou menor grau. Adapto o que estou fazendo "agora" aos acontecimentos e fatos que, apesar de passados, *ocorreram* realmente, e, uma vez acontecidos e reavivados pela memória, *pesam* sobre meu presente. Hoje, estou agindo de tal e não de outro modo, porque isso ou aquilo *aconteceu* outrora, porque, p.ex., ocorreram entre mim e meus amigos ou conhecidos certos fatos determinados. Se todo meu passado tivesse completamente desaparecido para mim, ficaria livre sob vários aspectos que me deixam amarrado, pois, não só isso ou aquilo aconteceu outrora, mas, até hoje, continua existindo para mim de um modo muito estranho, ainda que não da mesma maneira que o que se passa "agora", e embora não me lembre especialmente, em atos distintos, tudo o que ocorreu no passado. Sinto-me simplesmente ligado por, p.ex., antigas promessas e compromissos assumidos. Também, os atos executados por mim outrora (vitórias ou fracassos) me responsabilizam em relação a mim mesmo. Existe uma certa especial "noblesse" de meu próprio passado "qui

m'oblige" ainda hoje, como também existe a, assim chamada, "maldição do passado", maldição de minhas culpa, passadas e cometidas há muito tempo, mas que continuam, até hoje, a determinar o curso de minha vida. Assim sendo, eu e outras pessoas não somente permanecemos no tempo, mas, além disso, *conservamos*, por assim dizer, aquilo que, realizando-se no tempo, passou e, passando, foi eliminado da atualidade da existência e que, graças a mim, volta de algum modo para essa atualidade. Meu passado está incluído a tal ponto em cada meu presente pontual que é preciso um ato especial e distinto para me liberar de seu peso. Como se o que já aconteceu não tivesse de fato passado, como se o tempo não existisse.

Ao mesmo tempo, porém, vivo numa quase constante propensão para o futuro e, de certo modo, não paro de mergulhar nele, *vivencio* tudo dentro dele. É exatamente porque meus planos orientam-se para o futuro, e que o que espero se apresenta como algo por acontecer, por vir, muitas vezes *contra* ou *independentemente* de minha vontade, que o meu presente se encontra sob a influência do futuro que se manifesta de tal ou de outro modo para mim. O que pertence ao futuro e, muitas vezes, justamente não depende de mim, não deixa de me influenciar e pode me transformar desde agora. O que pertence ao futuro (melhor: ao meu futuro), desde já, desde agora, por assim dizer, *existe*, ainda que não esteja presente, mas só me "espera" ou "espera" para mim. Com certeza, "agora" existem *actualiter*, dentro desse domínio, somente minhas expectativas, meus anseios ou medos diante do que espero: o que está para acontecer, ainda *actualiter* não existe, mas, apesar disso, apresentando-se como algo que, com certeza ou com maior ou menor grau de probabilidade, tornar-se-á realidade, transforma-se num fator que influencia minha vida, meu estado atual, meus planos e decisões e até a mim mesmo.

Supero, então, o tempo pelo fato de viver de maneira natural e primeira de tal modo que não *me sinto limitado* pelos limites do presente que não paro de *transgredir* constantemente. Eu — aquele que é transcendente em relação às fugidias vivências conscientes — transcendendo permanentemente tudo aquilo que existe cada vez num dado presente pontual, como se, de algum modo, existisse não só o que é presente, mas também o que pertence ao passado ou ao futuro. É assim, justamente, que se manifesta o caráter fenomenal do tempo: é ele um modo de manifestação da realidade que me possibilita uma viagem dentro da realidade, por assim dizer, onipresente.

II

Existe, porém, um segundo modo de vivenciar o tempo, no qual o tempo me parece como algo radicalmente diferente do que foi dito antes. Esse outro modo me leva também a me apreender a mim mesmo de maneira completamente diferente. Chega-se a essa vivência por dois caminhos: 1) pela conscientização do papel destruidor do tempo em minha existência; 2) pela convicção de que, como pessoa, estou apenas me constituindo através de diversas perspectivas temporais vivenciadas por mim.

O primeiro desses caminhos se abre pela apreensão da fragilidade de todo ser real ou, em outras palavras, pela conscientização do fato de que tudo que é real, basta que exista para poder, a qualquer momento, deixar de existir. Porque *a existência daquilo que é real, não decorre de sua essência*, nem é necessária. A existência daquilo que é real — e, por conseguinte, de mim mesmo — parece sempre somente, por assim dizer, uma espécie de graça e é assim porque tudo que é real está sempre condicionado, em sua existência e suas determinações, a algo diferente, independentemente do que seja esse algo que o condiciona. É por isso mesmo que pode sempre acabar aniquilado pela simples eliminação do objeto ou do estado de coisas condicionadores.

Não é qualquer época que apreende numa vivência direta a condicionalidade e a casualidade de tudo que é real. Nem é qualquer um de nós, nem a qualquer momento da vida que nos damos conta disso. Somente, quando presenciamos o desmoronamento das potências que, até então, nos pareciam inabaláveis, quando vemos como as obras, que encarnavam o gênio do espírito humano para as gerações inteiras envelhecem inevitavelmente com o passar do tempo e não podem mais reviver, quando vemos como os valores que guiavam gerações seguidas parecem, um certo dia, uma ilusão, quando, enfim, descobrimos em nós mesmos a possibilidade de não-existência, somente então *percebemos* que esse ser durável que, como nos parecia, somos nós mesmos, revela-se transitório e falho e até que ponto *exige*, em sua mais profunda raiz, algum apoio, alguma referência. Somente então, descobrimos também que tudo que é real (inclusive, *nós mesmos*), apenas por acaso, por assim dizer, se limita a preencher uma certa e sempre nova fase temporal e que só, num período de tempo limitado, tem o espaço para existir. Só então entendemos finalmente que não somos donos do tempo, mas que é ele que nos governa: afinal, não tem nenhuma importância o que fazemos, nem como tentamos

nos construir — o tempo passa e nós, envelhecendo nele, passamos, entregues sem salvação a seu curso. Pois, no momento em que se revela a nós diretamente a possibilidade de não-existência daquilo que é real, como também o fato da destruição de vários objetos reais, percebemos também, como nos parece, a essência do tempo que limita o ser de tudo que é temporário ao presente e não deixa, simultaneamente durar aquilo que faz parte desse presente, já que uma atualidade sempre nova não para de eliminá-lo do ser para o passado e para o não-ser.

Portanto, independentemente do fato de até que ponto transcendemos cada vez o nosso presente pontual, considerando-nos como um ser durável e independente do tempo, sempre encontramos-nos como na ponta de uma faca entre dois abismos do não-ser: o daquilo que já passou e o daquilo que ainda não existe. Com isso, o próprio presente muda radicalmente sua face. Em vez de ser uma fase qualitativamente definida de modo unívoco por seu preenchimento, transforma-se num pontual "agora" desprovido de qualquer qualidade e que não pode conter nada em si, já que não tem nenhuma extensão.

Mas o que é que somos nós mesmos nesse, cada vez novo, "agora" de que Bergson disse que nem "existe", visto que não para de se fazer e, uma vez feito, logo cessa de existir? Será que, nesse constante curso do sempre novo presente, podemos ainda ser algo que exista *como durável* e que, em relação às vivências transitórias, seja *transcendente* formando, como definitivamente determinado em sua natureza, uma base irredutível dessas vivências?

Dentro do modo de vivenciar o tempo analisado aqui, isso é (ou parece ser) impossível, uma vez que não pode existir nenhum ser real que seja independente do tempo e que consiga superar o não-ser do passado e do futuro. Se esse modo de vivenciar o tempo fosse plenamente válido, seria preciso, como parece, que *nos identificássemos* ou com uma sempre nova fase de vivências conscientes que, nessas condições, costuma-se chamar de "puras", ou com o assim chamado "eu puro", cuja existência e cujas determinações, em sua totalidade, se esgotam no fato de possuir vivências. (Ver, p.ex., E. Husserl em "Ideen zu einer reinen Phänomenologie"). Mesmo assim, a esse "eu transcendental" puro, seria preciso, nessas condições, considerá-lo como um "eu" que não para de se construir, cada vez novo, no presente.

Pode-se admitir que, dentro da abordagem da teoria do conhecimento transcendental, torna-se talvez imprescindível recorrer a esse "eu" transcendental e indefinido como a um ser final e não passível de ser posto em dúvida. No entanto, por outro lado, é igualmente certo que não

posso, como ser humano, identificar-me com esse "eu" puro como, também, não posso me "reduzir" a ele (o que, aliás, aceitam também os transcendentalistas). Mas, nesse caso, se o modo de vivenciar tempo, esboçado aqui há pouco, fosse plena e definitivamente válido, seria preciso admitir que eu, como ser humano, não existo de maneira nenhuma, embora seja talvez verdadeiro que exista o "eu puro" (o sujeito).

Não aceitarei, todavia, tão precipitadamente que eu, como ser humano, não exista de modo algum. Diante do eterno passar do tempo que limita o ser ao presente atual, apelo à imutável qualificação de mim mesmo, à minha natureza que constitui a base de minha identidade dentro das contínuas mudanças. É assim com certeza, mas o que é esse "eu" *imutável*? De acordo com a primeira sensação direta, parece-me que sabia o que ele é. Mas, nesse momento/isso já não me basta. Pois, agora, estou diante de duas vivências do tempo discordantes entre si, e a segunda delas põe em dúvida a maneira de apreender nosso "eu" natural dentro da primeira das vivências do tempo discriminadas. Tenho de *saber*, então, clara e explicitamente, o que é meu "eu" e tenho de saber também, de acordo com a vivência manifesta de mim mesmo, *como definir* de maneira precisa o que ele é. Mas como, então, vivencio a mim mesmo, qual é a inabalável e definitiva base de apreensão do meu único e sempre idêntico "eu"?

E justamente quando reflito sobre essa questão, conscientizo-me de que esse "eu", em sua qualificação como também em sua direta apreensão, se encontra ele mesmo enlaçado ao tempo. O que *sou* agora está — como me parece numa apreensão direta sem que me pergunte como justificá-la — determinado de maneira unívoca por tudo que já fui antes e que estava agindo sobre mim até agora. Porém, *saberei* algo sobre o que sou agora somente quando o "agora" atual pertencer ao *passado* ou, em outras palavras, quando não for mais o que sou agora. Se sinto-me *agora* um "eu" dotado, em seu ser, de determinadas qualidades, isso acontece exclusivamente porque alcancei um certo saber sobre *mim tal como era no passado* recente ou distante, e por que me apreendo no presente sob o aspecto das características qualitativas de meu "eu" passado. Ora, apreendo-me a mim, tal como era no passado, ou *relembrando* tudo aquilo em que se manifestava meu "eu" em suas diversas características, ou conservando ("guardando na memória") a primeira *lembrança viva* de um passado direto, ainda não-morto. As duas variantes desse saber sobre o passado mostram-no para mim — como tentei demonstrá-lo em outro lugar⁽⁵⁾ — "em apanhados" da perspectiva temporal. Aquilo que já passou apresenta-se nela regular e necessariamente deformado: o que era presente outrora não se manifesta com todos os detalhes, num saber direto sobre o passado

de uma forma que tinha antes como presente, mas em transformações e aspectos dependentes de um determinado *tipo* de saber sobre o passado que só *dentro desse saber* adquire seu valor real. Trata-se aqui, ao mesmo tempo, não somente de "deslocamentos", tais como encurtamento ou prolongamento das fases temporais e dos processos que se desenrolam nelas, e não somente de um diferente aspecto do caráter dinâmico desse desenvolvimento de algo concreto, nem, enfim, da maior ou menor *distância* em que permanece em relação "a mim aquilo do que me lembro e, portanto, da maior ou menor clareza disso, mas, antes de tudo, trata-se aqui daquilo que era outrora presente e que *aparece* como passado, mas com *outras qualidades* e, diria mais, às vezes, até numa *essência* diferente daquela que lhe era própria e adequada no presente já ocorrido. E isso se deve não às razões acidentais de algumas *falhas* ou simples *ilusões* da memória que, aliás, também podem acontecer, mas como inevitável consequência de transformações da perspectiva temporal. O que, num presente longínquo, foi um amor, pode, dentro do saber sobre o passado, se revelar fatalmente como um amor-próprio disfarçado, se, no período entre sua existência e o momento de lembrá-lo, aconteceram certos fatos que apontam nesse sentido; o que, num presente passado, foi um fracasso ou uma fuga de perigos ameaçadores, adquire freqüentemente, num passado lembrado, a forma de conquista interior; aquilo que era, em nossa vida anterior, extremamente importante ou nos dominava, aparece em comparação com nossa vida posterior — revelada também dentro do saber sobre nosso passado — como acontecimento sem importância, etc. E em todos esses aspectos, meu "eu" adquire também propriedades e traços característicos diferentes daqueles que o determinavam no presente já ocorrido. E essas outras e novas características constituem para mim, a partir de agora, a mais confiável realidade.

Resumindo: o eu, que era outrora e que ainda acredito ser agora, adquire uma forma dependente do conteúdo de meu, cada vez outro, "agora" e se adapta devidamente a ele. É justamente nesse aspecto relativo da perspectiva temporal que me apreendo a mim mesmo como ser humano ainda existente "nesse preciso momento" e possuindo determinadas qualidades. E mesmo quando me oponho a meu "eu" passado, censurando, p.ex., meu passado e a mim mesmo, essa oposição, também, não deixa de influir sobre o significado de eu me sentir eu mesmo presente — sinto-me, p.ex., muito melhor e mais nobre, exactamente porque me oponho a mim mesmo e "me" censuro a "mim mesmo". Mas, igualmente o fato de eu me apreender dentro dos aspectos da perspectiva temporal, relativos no presente atual, e que, por outro lado, nesse presente atual, apreendo-me

também somente numa relação comigo mesmo assim transformado e considerado como realidade, até isso, vou sabê-lo somente numa perspectiva posterior do presente, numa perspectiva que, de novo, se revela relativa nesse novo presente. Quem, então, sou eu em todas essas transformações e variáveis perspectivas temporais? O que é esse "eu" que, apesar de tudo, transcende todas essas transformações e perspectivas e que, apesar da estreiteza do presente e da existência dos dois abismos do não-ser, parece durar e existir? Será que, afinal das contas, não passa ele de um *fantasma*, de uma *aparência* criada por minha vida no presente e meu saber sobre o passado e suas diferentes formas dentro da perspectiva temporal? E ainda que essas formas se relacionem em seu conteúdo com um "eu" sempre uno e idêntico, não seria isso apenas uma aparência ilusória, não obstante necessária? E se o "eu" não fosse nada mais do que (como o afirmam os idealistas transcendentais), um processo de vivências limitado ao presente, se ele fingisse incessantemente ser aparência dele mesmo — desse outro "eu" que transcende o presente e, determinado pela mesma natureza, permanece tal qual apesar de todas as transformações e limitações do tempo?

Assim sendo, até hoje, permanecem vivas e válidas as palavras de René Descartes: "*Hoc pronuntiatum, ego sum, ego existo, quoties a me profetur, vel mente concipitur, necessario esse verum. Nordum vero satis intelligo, quis nam sim ego ille, qui iam necessario sum...*". Só que a questão da essência de nosso "eu" vista como a do ser humano que vive no tempo necessita de ser respondida sobre a base de diferentes vivências do tempo e há de se buscar novas soluções para ela.

III

Sendo assim, também a referência ao modo segundo o qual — sobre o fundo da segunda vivência do tempo — se faz a constituição de mim mesmo para mim, não nos permite resolver as dificuldades às quais nos levou a existência de duas diferentes e conflitantes vivências do tempo. Pois, a reflexão sobre o modo segundo o qual se constitui para mim meu "eu", apesar de abalar fortemente minha convicção de que existo como ser humano que transcende minhas atuais vivências e meu atual presente, se revela simultaneamente insuficiente para abolir totalmente em mim a convicção de que esse modo de me apreender a mim mesmo e de constituir meu "eu" humano *exclui* a possibilidade de esse "eu" existir em si

mesmo e de ele ser tal como se apresenta a mim em minha vivência. É preciso, então, estudar escrupulosamente todas as fontes do saber sobre si mesmo e se perguntar se e em que limites os resultados desse saber são suscetíveis de nos garantir a existência e as características de nós mesmos como seres humanos que transcendem as suas vivências. Eis uma tarefa para cuja solução não estamos ainda hoje preparados. Pois, se na história européia da teoria do conhecimento dedicou-se muitos esforços ao estudo do desenvolvimento da percepção sensual e dos resultados cognitivos obtidos nessa base, em compensação, por uma curiosa coincidência, a questão de como conhecemos a nós mesmos ficou sempre deixada de lado. Até hoje, não temos nem princípios de uma teoria da vivência interior, visto que seria difícil considerar como princípios um certo número de generalidades pouco concludentes sobre a assim chamada percepção interna que se encontra na literatura. Não pretendo, portanto, estudar essa questão de mais perto. O que me proponho em compensação é apontar ainda outras conseqüências da segunda das vivências do tempo aqui apresentadas e das idéias já esboçadas que aparecem para nós como baseadas nesse fundamento. Pois, essas conseqüências podem esclarecer a questão da existência e da essência de meu eu humano tão ligada à vivência do tempo.

Como tudo isso se apresenta afinal? A experiência do tempo, no qual vivendo começamos a nos parecer apenas um produto intencional de vivências no presente, nos desvela dois vazios do não-ser: o do aniquilamento daquilo que existia outrora e o da não-existência daquilo que está somente para acontecer. Na fronteira entre esses dois vazios, há o presente. Mas esse presente, como o enfatizava já Santo Agostinho, existe não somente nessa fronteira. Ela é uma fronteira em si. Não uma fase, mas um corte brutal. Corte em que? Em algo que não existe. Essa, e só essa, fronteira, esse corte "punctual" há de ser aquilo que existe. E, ao mesmo tempo, é nesse corte brutal que deve se incluir, por me expressar desse modo, não só nossa vida atual, mas também nela, há de se fazer a constituição de nosso próprio ser — todos esses processos complexos e condicionados entre si que, criando diversas perspectivas, têm de, por assim dizer, fingir meu "eu" que ultrapassa em sua existência e qualificação tanto o curso de vivências conscientes em si quanto meu presente atual. Todavia, essa vivência consciente que ocorre no corte fronteiriço do presente deveria, como se afirma muitas vezes desde o Santo Agostinho até Husserl, resultar em algo mais ainda. Pois é lá que residiria também a fonte da constituição do próprio tempo e, portanto, não só do presente, mas também do passado e do futuro. Se, então, for verdade — e disso, é claro, não posso

ainda ter certeza, mas é preciso supô-lo aqui para prosseguir nossas considerações — que meu "eu" do ser humano concebido como um ser durável, que transcende o presente e que evita de certo modo o aniquilamento no futuro, não passaria de um certo tipo de *fictum* dos processos conscientes, por que, então, o próprio passado e futuro e, por conseguinte, também o próprio incessante curso do tempo e a transformação do não-ser do futuro numa atualidade momentânea e dela num não-ser de novo, não seriam também um *fictum* da *mesma espécie*? Em outras palavras, por que, nessas condições, o próprio tempo em si não seria um produto intencional de determinados processos conscientes, ao qual, na "realidade" — como se diz — nada corresponderia? De fato, na história da filosofia européia tentou-se várias vezes elaborar essa idéia e chegou-se até a fazê-lo de algumas várias, seja em Kant que, como se sabe, via no tempo unicamente uma forma de perceptibilidade ou, em outras palavras, um certo produto transcendental do "sentido interno", seja na forma presente em Husserl, segundo o qual o tempo constitui-se num sistema de retenções, seja no modo presente em Bergson, de acordo com o qual o tempo homogêneo não passa de um certo esquema formal relativo às exigências da ação. Poder-se-ia dizer enfim que a forma do tempo apresentada por mim como referente à primeira das discriminadas vivências não é outra coisa senão justamente aquele mesmo produto puramente intencional dessa vivência.

Não pretendo proceder aqui a uma crítica dessas diferentes idéias e me refiro a elas somente para ressaltar que, na situação teórica em que estamos, é afinal bastante indiferente a maneira de apreender o tempo que há de ser, de um ou outro modo, um produto-*fictum* das vivências incluídas no presente momentâneo. O que importa é tão somente a questão de como seria possível que na estreiteza do presente momentâneo acontecessem vivências tão complexas, conduzindo à constituição de diferentes transcendentais, entre os quais, do passado e do futuro? Será que não se deveria admitir que elas simplesmente não existem de modo algum? Pois, será possível que exista algo — não importa o que: vivências ou qualquer objeto que as transcenda — que, *no mesmo momento* em que acontece, pare de existir — nesse mesmo momento que há de ser somente uma fronteira *punctual* entre dois não-seres? Como pode qualquer coisa ser de algum modo qualificada, se essa qualificação "simultaneamente" aparece e desaparece, se não pode *permanecer como idêntica*?

Se, ao contrário, supuséssemos que as vivências existam e que o tempo, e principalmente o passado, esteja apenas para "se constituir" nelas, não seríamos assim obrigados a reconhecer que cada uma dessas vivências deve, sendo *una e a mesma*, ultrapassar esse "agora pontual", que o

continuum desses "agora" pontuais deve *se conservar como uno e o mesmo* e, portanto, ultrapassar, transcender em seu ser *cada um* desses agora pontuais e permanecer, por assim dizer, apesar do aparecimento e desaparecimento pontual de cada um deles? Mas, se for assim, não se deveria, antes de tudo, deixar de apreender o presente como "corte", "fronteira", "ponto temporal" para dizer — como, de fato, já aconteceu várias vezes — que não existe nada parecido? Numa vivência concreta, esse "agora" *pontual* não aparece de modo algum. Trata-se aqui muito mais de uma concepção teórica que nos é sugerida, de um lado, pelo segundo dos modos estudados de vivenciar o tempo e, de outro lado, pela — como diria Bergson — apreensão do tempo como *continuum* pontual.

Mas se admitirmos que o presente não é uma fronteira pontual entre o não-ser do passado e o não-ser do futuro, não será preciso pôr em dúvida a própria vivência do tempo na qual esse não-ser se revela a nós? Com certeza, nunca admitiremos que "o presente ocorrido" continue existindo *do mesmo modo* que existiu outrora como presente (e o mesmo aplica-se em relação ao futuro). Mas será que somos obrigados a admitir só esse único modo de existência — e logo aquele que é próprio à existência no presente atual?

Há, porém, ainda uma outra possibilidade, a saber, se aceitássemos que as próprias vivências em si, dentro das quais há de se fazer a constituição do tempo e de outros transcendentais, devem elas mesmas transcender o presente pontual, então, uma vez posto que o presente *seja* uma fronteira *punctual* entre o passado e o futuro, seríamos levados a reconhecer que essa *punctualidade* do presente não aniquila nem a existência, nem a identidade das vivências transcendentais a esse presente. Mas, sendo assim, não seria então preciso admitir que a *punctualidade* do presente *seja* semelhantemente "impotente" diante do ser e das qualidades de outros transcendentais e, principalmente, diante de meu "eu" do ser humano que, segundo a primeira vivência do tempo, tem de vencer o tempo?

Não vamos concluir como essas questões se apresentam definitivamente para não dar nenhum passo decisivo antes da hora. É melhor refletir sobre uma outra questão. Se o passado e o futuro não passam de um *não-ser*, perde, portanto, todo sentido a tentativa de apreender aquilo que existe como "presente". Falar em "presente" tem sentido somente se admitirmos que o passado e o futuro não sejam um simples e puro não-ser, mas antes, formas particulares ou modos de existência, especificamente diferentes do modo de ser no presente atual. Caso contrário, deve-se falar

unicamente em ser ou não-ser e, por conseguinte o tempo desaparece completamente do cenário de reflexões.

Suponhamos, porém, mais uma vez que o passado e o futuro sejam exclusivamente produtos intencionais de vivências presentes e, simultaneamente, que tanto um quanto outro sejam um puro não-ser. Surge, então, a questão: por que justamente a esse produto, em detrimento dos outros produtos de vivências presentes só supostamente intencionais, teríamos de atribuir um caráter absoluto e, por conseguinte, afirmar que esse puro não-ser constitui um estado de coisas independente de operações conscientes? Não se deveria antes, como consequência, admitir que também esse vazio do não-ser do passado e do futuro seja somente um certo *factum* intencional e que, "na verdade" esse vazio não exista? E será que, sendo assim, toda essa questão não se apresenta de maneira completamente oposta? Não se deveria dizer então que essa vida na fronteira entre os dois não-seres não passa de uma ilusão muito singular, decorrente de um modo especial de vivência que, aliás, não é nem necessário, nem único, e que, "no fundo", as coisas são completamente diferentes? Mas, nesse caso, não seria preciso dar maior importância, de preferência, à primeira das duas diferentes vivências do tempo e, por conseguinte, favorecer antes a idéia, segundo a qual o "eu" do ser humano não é um simples produto intencional de um determinado modo de vivência, mas algo fundamentalmente diferente dele?

Não pretendo dar solução a todas essas questões. Depois de ter reavivado o problema em si, me parece que é preciso estudar ainda muitos outros assuntos, analisar determinadas vivências e o desenvolvimento delas para se aproximar da resolução da questão examinada aqui. Minha tese se limita, no momento, a afirmar tão somente que existem duas diferentes vivências do tempo por mim descritas e que há uma estrita relação entre elas e a questão da essência e da existência de nossa personalidade.

IV

Existem, porém, certas conseqüências práticas da existência dentro da segunda vivência do tempo. As mais importantes entre elas são as seguintes:

Mergulhado no tempo, o homem sente uma eterna saudade do desejo de escapar ao tempo, mas, simultaneamente, se vê ameaçado pelo curso do tempo e pelo desconhecido não-ser do amanhã. Não tendo cons-

ciência disso, quer fugir de si mesmo, se esquecer dele mesmo. Tenta ignorar que ele próprio está sujeito ao inexorável passar do tempo e que, a cada momento, consome-se como um fogo que queima até se apagar. "Mata o tempo": procura afazeres que "preenchessem" o tempo e concentra toda sua atenção num trabalho que não lhe é absolutamente necessário. Para não se sentir só e estranho no mundo, cria para si mesmo uma ficção de dever a respeito de algo que, na verdade, não existe, não tem importância, mas que ele mesmo instituiu para si e a que — sem reconhecê-lo diante de si mesmo — dá ares de importância e de existência. Abandona-se a si mesmo para servir a algo diferente. Em vez de *ser*, ficando consigo mesmo, percebendo em si cada dor, cada alegria, cada esforço e cada conquista, acaba se perdendo irremediavelmente. Nem sequer sabe o quanto perde dessa maneira. Pensa que está construindo o mundo em sua volta e a si mesmo nesse mundo, enquanto apenas encobre seu próprio medo diante do vazio que o ameaça. E assim, desde já, torna-se ainda mais vazio.

E quando, um dia, as circunstâncias, nas quais está se encontrando, exigem dele uma resolução que não seja conforme aos modelos já prontos, nem às regras ou normas exteriores, mas concordante com seu próprio saber — fruto de sua força de vontade, só então volta-se a si mesmo e se sente como uma criança — impotente e besta. Encontra o vazio lá onde esperava encontrar a si mesmo e sente falta não só de poder de resistência, mas até de capacidade de se entusiasmar, de disponibilidade para se comover e se maravilhar. É nesse momento também que descobre, surpreso, que, apesar do constante curso do tempo e apesar de se encontrar sempre entre o que já não existe mais e o que ainda não aconteceu, poderia ele, dentro desse fluxo de transformações, aniquilamentos e renascimentos, *ter permanecido* ele mesmo, se tivesse enfrentado o tempo destruidor em vez de ter-se perdido "fora de si mesmo".

Às vezes, o homem perdido no tempo tenta se fixar a si mesmo, procurando se fechar em sua obra. Deixa-se iludir pela idéia, decorrente da nostalgia de algum ser durável, segundo a qual só ele mesmo, suspenso na fronteira entre os dois não-seres, passa, não chegando verdadeiramente a *ser*, mas o mundo em sua volta não é sujeito ao tempo e permanece, existe de fato. Tenta então inserir sua obra — artística, científica ou tecnológica — dentro desse mundo aparentemente independente do tempo, expressando nela a si mesmo ou tudo aquilo que considera como melhor dentro dele: seu mais profundo pensamento, seu sentimento mais puro, seus ideais⁽⁶⁾. Tudo estaria bem se não descobrisse que nunca conseguirá se circunscrever em sua obra, nem torná-la durável. Afinal, o que

faz na realidade é somente pôr sua obra dentro do tempo histórico, submetendo-a ao curso de constantes e irreversíveis transformações dentro das quais, mais cedo, mais tarde, ela acaba envelhecendo, se desgastando ou emudecendo. Quando, um dia, se aperceber disso, entenderá também que foi em vão que sacrificou sua vida correndo atrás de uma ilusão.

Há ainda um outro modo ao qual o homem recorre às vezes, procurando se perpetuar: é vivendo na convicção de que tanto ele quanto suas ações e obras permanecerão para os outros no futuro da mesma maneira que ele, graças ao poder de seu modo de sentir e viver, torna presente e durável seu passado já ocorrido. E para perpetuar esse passado e torná-lo seu e semelhante a ele mesmo, esquece ou procura esquecer o passado mais remoto e mais distante, como se ele nunca tivesse existido. Tira dessa maneira (na aparência) do curso do tempo só aquilo que inclui em seu presente, em seu "hoje". Diz então: os homens de "hoje", a arte de "hoje", a ciência de "hoje". As épocas, obras e culturas, os homens antigos, "pré-históricos" que não "nos" pertencem mais, não contam mais para ele "hoje". Simplesmente, não existem mais. Ele não se sente nem um pouco descendente ou sucessor deles. Preza unicamente *sua* própria época, *suas* próprias conquistas, *suas* próprias obras. Esquece que o homem já havia conquistado várias vezes os mesmos ápices culturais e, tendo-os conquistado, rolava deles abaixo, passando no tempo. O homem vive na firme convicção, que o acompanha sempre, de que outrora, nas trevas do passado, havia somente algo como preparativos, nada além de um início, e que não havia ninguém que fosse como ele (ou somente se sentisse?) um conquistador, um ápice de cultura que permaneceria para sempre como tal. O homem vive fora do tempo. E esquece que é sobre seu túmulo, sobre as cinzas de sua cultura da qual ninguém saberá mais nada um dia, que *os outros* construirão *suas* obras.

As limitações do tempo histórico e a extensão de "nossa" época que tornamos a de "hoje", a convicção de que somente nossa cultura e nós mesmos possuímos valores particulares e maturidade — *tudo isso vem da mesma fonte*: a do desejo do homem de fugir de sua perdição no tempo, no eterno passar.

Mas todas essas tentativas: a de matar o tempo, ou a de vencer ou ocultá-lo não conseguem apagar dentro do homem — que existe sobre a base dessa vivência do tempo — um saber encoberto, mas existente apesar de tudo, sobre sua própria vulnerabilidade ao tempo. Ao contrário, esse saber, ou antes uma sensação, constitui a fonte de sempre nova inquietação e de sempre novas tentativas de fuga do homem dele mesmo. Livrar-se-á dessa inquietação provavelmente só aquele que sentir dentro

de si vestígios de um ser independente do tempo-passar. Para encontrar em si mesmo um tal vestígio, é preciso saber *ficar consigo mesmo* sem medo de se perder no tempo e sem se submeter à ilusão de ser um objeto no mundo. Ficar consigo mesmo significa aqui não somente estender seu saber sobre seu próprio "eu" em suas diferentes fases, mas além disso, *ter seu próprio poder sobre si mesmo* e, enfrentando as contrariedades do destino, os problemas da vida e a si mesmo, se construir a si mesmo como uma força interior constantemente crescente. Confiar em si mesmo e em sua existência.

Só então a face do tempo muda. Torna-se ele apenas uma oportunidade que permite ao ser humano firmar nele próprio seu espírito.

V

Mas aí ocorre-nos a seguinte idéia que pode contribuir para o esclarecimento da questão:

Existem meus atos livres e responsáveis que executo nos momentos difíceis da vida — às vezes, em face da morte — e que jorram, por assim dizer, do mais profundo interior de meu "eu" tal como ele havia se tornado no passado e permaneceu até hoje, até o momento da ação. Esses atos só podem ser efetuados, se eu, tal como me havia tornado outrora, tenha permanecido o mesmo até hoje. Dessa força que surgiu e cresceu no passado, das crenças que eu nutria, dos ideais que me sustentavam, dos desejos que procurei realizar, nasce o poder que tem de permanecer dentro de mim *vivo* para que eu consiga efetuar um determinado ato. No meu mais profundo interior que, aliás, geralmente não se revela para mim, mas somente descarrega no meu ato, tenho de *permanecer* tal como me havia tornado no passado, enquanto o tempo, apesar de todas as transformações que provoca em mim, não pode me fazer nada, ficando, frente ao meu mais profundo ser, impotente e deslizando sobre mim como água. Existem determinados atos meus cuja realidade testemunha a realidade de meu "eu" *durável*.

Quais são os limites de minha permanência tal qual no tempo, por quanto tempo posso ficar "novo"? Sou ou apenas posso ser inteiramente independente do tempo ou posso sê-lo somente dentro de certos limites e de que tudo isso depende? Eis algumas outras perguntas que surgem posteriormente. No entanto, a possibilidade fundamental de vencer o tempo nos é dada pelo *fato* da existência dos meus livres atos, efetuados com

plena consciência de minha responsabilidade por eles que tomo apesar das maiores resistências e sob pena de sofrer todas as possíveis conseqüências deles. Efetuo esses atos com a mais profunda convicção de que somente eles podem me salvar do aniquilamento de minha unidade interior, do despedaçamento causado pela perda de confiança em mim mesmo — fundamento último de qualquer vida. É através de tais atos que se manifesta meu "eu" e a permanência de minha existência. Ao mesmo tempo, a realização de tais atos faz crescer minhas forças, *me construindo para o futuro e me tornando independente em relação ao tempo*. O passar do tempo fica sem importância para mim num grau maior que era antes de eu ter efetuado um determinado ato. (Há também outros atos meus, igualmente positivos, mas que, no entanto me "esgotam", consumindo minhas forças. Mas não é o tempo, não é o passar dos dias que me aniquila, sou eu mesmo que me "consumo" neles. Eis uma outra perspectiva para essas questões que, porém, sou obrigado a deixar de lado.)

Ainda que — e aqui, sem dúvida, encontra-se a fonte de várias outras dificuldades — abra-se, ao colocar a questão dessa maneira, uma perspectiva para toda a variedade de formas de minha atitude, de minha relação com o tempo. Posso me comportar em minha vida de várias maneiras, de várias maneiras agir. Entre elas, há aquela segundo a qual, "com o tempo", *me submeto* à ação do tempo e acabo destruído por seu curso. Se sou fraco demais, se não sou capaz de resolver satisfatoriamente as questões que a vida traz para mim — questões práticas que exigem certas resoluções e decisões morais — se não sei "me concentrar", se "me perco" na insignificância dos detalhes da vida cotidiana, se me deixo "arrasar" por várias pequenas contrariedades, se "desperdiço" minhas forças me ocupando de coisas sem valor, se sou, em meu interior, um covarde ou um preguiçoso que não tem a mínima vontade de fazer qualquer esforço e prefere deitar-se e rolar em sua passividade, ficar na ociosidade em vez de caminhar com esforço adiante, se expor aos perigos e à lida, aguentando o medo e o sofrimento, se, enfim, *me traio* a mim mesmo — então, acabo *me desfazendo* lentamente no tempo. Então, o próprio passar do tempo me destrói. "De dia em dia", torno-me cada vez mais "nada".

Tudo isso pode apresentar-se em diferentes graus e espécies, de modo que, conseqüentemente, existem não só diferentes *vivências do tempo*, mas também — por assim dizer — várias espécies *do próprio tempo* relacionadas com meus diferentes modos de vida e de comportamento. E é justamente em relação a isso que surgem novas dificuldades e problemas teóricos. Pois, seria preciso considerar esses *diferentes tempos como diferentes modos de permanência dos objetos psíquicos* ou, pelo menos, como dife-

rentes *equivalentes* de modos de permanência e de comportamento do homem. Mas, por outro lado, não parece que o homem tenha um papel tão eminente dentro da realidade e que exerça tal poder sobre ela que esses diferentes tempos possam *lhe corresponder realiter*. Seria muito tentador supor *um só tempo do universo* para todos e para tudo.

Talvez toda essa idéia venha em última instância de Bergson, embora tenha pensado nisso somente depois de tê-la formulado tal qual para mim. Além do mais, nesse caso, a linha da resolução seria oposta àquela de Bergson: o ato livre confirmaria a existência do tempo segundo a vivência primeira que Bergson consideraria antes como um certo tipo de *fictum* e não como "duração real". A descrição dos dados das duas vivências do tempo, feita por mim, não corresponde aliás àquilo que Bergson diz sobre o tempo e a duração. Mas mesmo que fosse verdade que a tentativa de solução feita por mim aqui venha de Bergson, deveria ainda assim dizer que é somente agora que entendi de fato o pensamento de Bergson (exposto em "*Les données immédiates de la conscience*") e que isso se realizou não através de textos de Bergson, nem através de uma reflexão teórica, mas graças a uma repentina percepção dentro da minha própria realidade vivida daquilo que pode servir aqui como chave para a solução da questão estudada. É preciso somente trabalhar mais detalhadamente esses primeiros vislumbres.

O que importa nisso tudo é a idéia de que o tempo é um fenômeno *decorrente, dependente* do modo de comportamento do ser humano e, de maneira mais geral, *dependente* daquilo que existe. A forma do tempo, sua espécie, seria, se isso fosse exato, uma *manifestação* do modo de existência daquilo que existe. Mas, ao mesmo tempo, existiria — se as idéias acima apresentadas fossem corretas — a influência do tempo e de seu curso sobre aquilo que existe e, principalmente, sobre a coerência interior e a alteridade do homem, sobre sua força interior e sobre aquilo que lhe confere sua definitiva importância dentro da realidade. O tempo — sendo algo derivado — seria simultaneamente algo de que seria preciso se defender e do que nem sempre se consegue defender. Não seria ele então — como o quer, p.ex., Kant — uma pura forma de vivência, mas algo como certa força real dentro daquilo que é real. Todavia, não seria ele, nem poderia ser, simultaneamente algo *distinto ao lado* daquilo que existe no mundo real, mas deveria ser algo que se fundamentasse naquilo que existe e que, simultaneamente, de um certo modo peculiar, incluísse esse algo de maneira tal que aquilo que existe estivesse no tempo. Assim, o tempo mudaria em função de como seria, como se comportaria, como viveria e como se perderia ou se concentraria, se condensaria em si aquilo que

existe. Em que seria ele diferente é uma questão que deveria ser estudada separadamente.

VI

Alem do mais, toda essa idéia de que é através de meu ato livre que permaneço no tempo como eu mesmo, e que, portanto, o curso do tempo não me aniquila, pode ser aceita somente se o "eu" — minha pessoa — não for a mesma coisa que o fluxo da consciência — este curso de sempre novas vivências que passam ininterruptamente e desaparecem sem deixar marcas tangíveis, se, por conseguinte, a consciência for somente uma descarga de meu "eu", somente uma manifestação de mim mesmo. O que sou eu — mais uma vez a pergunta de Descartes! — que permaneço no tempo, que me construo nele graças a meus atos ou, então, me desfazo assim que relaxar a tensão do esforço interior e assim que me entregar, nem que seja por um momento, ao curso do destino sem procurar mais a me segurar a mim mesmo com minhas "mãos"? O que sou eu que me escondo em algum lugar "fora" de minhas vivências, mas que, apesar disso, continuo "vivendo" nelas e nelas me descarregando, nelas alcançando a nitidez de meu ser, nelas chegando a me construir a mim mesmo? O que sou eu, não esse pedaço de carne e ossos, mas eu crescendo do sangue e ossos meus, eu — *homem* que age?

Uma vez surgido, independentemente de que forças e em que base, sou uma força que se multiplica por si mesma, que se constrói por si mesma e que se ultrapassa a si mesma, se eu conseguir me concentrar e não dispersar em insignificantes momentos de sofrimento ou entregando-me aos prazeres. Sou uma força que — vivendo no corpo e dele se servindo — carrega em si marcas desse corpo e se submete às vezes a sua ação, mas que, ao mesmo tempo, doma esse corpo e usa todas as possibilidades dele afim de se fortalecer a si mesmo. Sou uma força que, uma vez jogada no mundo que lhe é estranho, assimila esse mundo dentro de si e, para além daquilo que encontra, cria novas obras indispensáveis para sua vida. Sou uma força que deseja se fixar — em si mesma, em sua obra, em tudo que encontra — e que sente que basta um só momento de relaxamento ou de esquecimento para se dispersar a si mesma, para se perder e se aniquilar. Sou uma força que os maiores tesouros de deslumbramento e de felicidade para si sonha e tenta realizar, mas que é capaz de desistir de todos eles unicamente em troca da própria possibilidade de sobrevivência.

Sou uma força que perdura apesar das contrariedades do destino, que sente e sabe que, através de seu ato livre, fará surgir do não-ser aquilo que sobreviverá a ela, enquanto ela mesma já será consumada na luta. Sou uma força que deseja ser livre. E que sacrificará até a sua permanência a essa liberdade. Mas, vivendo sempre sob o impacto de outras forças, é nela mesma que encontra o germe da escravidão, tão logo relaxe, tão logo descuide do esforço. E perderá sua liberdade, se ativer-se a si mesma. Ela pode permanecer e ser livre somente se conseguir dedicar-se voluntariamente à criação do bem, da beleza e da verdade. Somente então ela existe verdadeiramente⁽⁷⁾.

Tradução de ELZBIETA RIBEIRO

NOTAS:

- (1) Conforme a terminologia por nós adotada, usa-se aqui distintamente as expressões: "vivência consciente" e "estado psíquico". O modo em que me expresso faz perceber que emprego essas expressões no sentido tal que os significados delas se excluem: nenhum estado ou processo psíquico é uma vivência consciente e vice versa. As vivências conscientes (ainda que não todas elas) somente *revelam* estados e processos psíquicos (p.ex., o estado de desintegração interior ou o de concentração, o processo de crescimento de forças interiores do homem, etc.). Não seria possível desenvolver aqui esse assunto.
- (2) Conceito esse, em consequência de várias influências históricas, tornou-se polissêmico e pode levar a mal-entendidos. Emprego-o aqui exclusivamente no seguinte sentido: o que é transcendente em relação a uma vivência não constitui nenhum elemento nem momento daquela vivência. O que não significa porém que o que é transcendente em relação à vivência seja — como pretende Kant — inacessível ao conhecimento.
- (3) Levanta-se aqui a hipótese de que, em consequência disso, na escolástica, desde os tempos de Santo Tomas, distingue-se dois tipos diferentes de tempo: o tempo dos processos e a duração das substâncias.
- (4) Esse "olhar a distância" pode também ser uma intervenção no curso de vivências do segundo e distinto modo de vivenciar o tempo.
- (5) Veja-se "O poznawaniu dzieła literackiego" / "Sobre o conhecimento da obra literária", capítulo II — Não se deve identificar a memória viva com a assim chamada "retenção" de que fala E. Husserl ou com o assim chamado "souvenir du présent" que estuda Bergson.

- (6) Sobre esse fundamento apoia-se a concepção de arte de P. Valéry ou a de Lavelle. Trata-se de um equivalente da esboçada atitude diante da vida e de uma sujeição unilateral somente a um único modo de vivência do tempo Mas não resulta disso que seja de fato assim. A essência e o sentido da arte na vida do homem são outros.
- (7) Esse artigo já foi parcialmente publicado: as partes I e II formavam o conteúdo de minha conferência no IX Congresso Internacional de Filosofia em Paris, em 1937 e, junto com a parte III, foram publicadas no vol. XLI de "Przegląd Filozoficzny" / Revista de Filosofia/. Na época, a matéria por mim elaborada não trazia nenhuma solução. Somente minhas reflexões posteriores sobre a essência do tempo — desenvolvidas no quadro de um outro trabalho — me levaram ao ponto em que podia enfim — já durante a guerra — elaborar uma conclusão (as partes V e VI) desse ensaio. Já que "Przegląd Filozoficzny" de 1938 não existe mais, permito-me publicar outra vez o conjunto de minhas reflexões.

(O presente artigo foi publicado pela primeira vez na revista *Twórczość* (Criatividade), nº 2 de 1946 e reeditado no livro *Książeczka o człowieku* (Opúsculo sobre o homem), Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1975, pp. 43-74, texto em que se baseia esta tradução — N.da T.)